

QUESTÕES PARA UMA SOCIOLOGIA DO IMAGINÁRIO

QUESTIONS FOR A SOCIOLOGY OF THE IMAGINARY

Ozaias Antonio BATISTA¹

¹ Professor de Sociologia na Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Piauí (UFPI/CPCE). Doutor em Ciências Sociais (UFRN). Mestre e Licenciado em Ciências Sociais (UFRN). Pesquisador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação, Ciência Descolonial, Epistemologia e Sociedade (NEPEECDES) (UFPI) e Mythos-Logos: imaginário e parcerias do conhecimento (UFRN). E-mail: ozaias_antonio@hotmail.com.



RESUMO

Gaston Bachelard é um importante pensador da tradição filosófica francesa do imaginário que inspirou pesquisas e estudos voltados para a leitura e criação imagética através das concepções de devaneio e imagem poética intrínsecas à sua fenomenologia da imaginação poética. Nesta fenomenologia as imagens são potencialmente criativas, pois fomentam outros conteúdos imagéticos a partir da relação que o ser estabelece com a imagem lida na experiência do devaneio poético. Sabendo disso, o presente trabalho objetiva propor uma interlocução epistêmica interdisciplinar entre a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana e a sociologia do imaginário, visando ampliar as possibilidades interpretativas deste campo disciplinar por meio de uma leitura imaginária dos fenômenos sociais que atribui à imagem, graças aos pressupostos da fenomenologia bachelardiana, um potencial inventivo, polissêmico. Concluimos que uma sociologia do imaginário aproximada teórico-metodologicamente da fenomenologia da imaginação poética bachelardiana potencializa a apreensão sociológica da imagem através da poeticidade criativa atribuída ao imagético.

PALAVRAS-CHAVE

fenomenologia da imaginação; poética bachelardiana; sociologia do imaginário; imaginário, imaginação e imagens poéticas; devaneio poético.

ABSTRACT

Gaston Bachelard is an important thinker of the French philosophical tradition of the imaginary that inspired research and studies aimed at reading and



imagery creation through the conceptions of reverie and poetic image intrinsic to his phenomenology of poetic imagination. In this phenomenology the images are potentially creative, because they promote other imagecontents from the relationship establishes with the image read in the experience of poetic reverie. Thus, knowing this, the present work aims to propose an interdisciplinary epistemic interlocution between the phenomenology of Bachelardiana poetic imagination and the sociology of the imaginary, aiming to expand the interpretative possibilities of this disciplinary field through an imaginary reading of social phenomena that attributes to the image, due to the assumptions of Bachelardiana phenomenology, an inventive, polysemic potential. Therefore, one can conclude that a sociology of the theoretically-methodologically approximate imaginary of the phenomenology of bachelardiana poetic imagination potentiates the sociological apprehension of the image through the creative poeticity attributed to the imagery.

KEYWORDS

Phenomenology of Bachelarian; poetic imagination; Sociology of the imaginary; Imaginary; imagination and poetic images; Poetic reverie.

SOBRE O IMAGINÁRIO POÉTICO: UMA INTRODUÇÃO

O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência de abertura, a própria experiência da novidade.

Gaston Bachelard



A relação com as imagens no âmbito científico-acadêmico possibilitou a criação de um campo disciplinar denominado sociologia do imaginário, o qual, de forma geral, problematiza a realidade social tendo as narrativas imagéticas como principal universo empírico, seja por meio de expressões ideológicas libertadoras ou dominadoras atreladas aos variados espaços, linguagens e discursos institucionais. Cornelius Castoriadis e Michel Maffesoli são importantes pensadores da sociologia do imaginário (AZEVEDO, 2018; SCOFANO, 2018).

Este campo disciplinar mobiliza distintas perspectivas teórico-metodológicas para pensar os fenômenos sociais manifestos imagetivamente, contudo o presente artigo objetiva propor um diálogo epistêmico interdisciplinar² entre a sociologia do imaginário e a fenomenologia da imaginação poética desenvolvida pelo filósofo Gaston Bachelard (2009; 2008). Tal interlocução epistêmica visa expandir o potencial interpretativo da sociologia do imaginário graças às concepções de imagem e devaneio poético³ presentes na fenomenologia da imaginação poética bachelardiana.

As obras bachelardianas dedicadas à fenomenologia da imaginação poética centraram-se na criação de imagens através do devaneio poético inspirado pelo diálogo com a narrativa literária, todavia movidos por pesquisas

² Compreendemos a interdisciplinaridade conforme apresentado por Nicolescu: “A *interdisciplinaridade* tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) *um grau de aplicação...* b) *um grau epistemológico...* c) *um grau de geração de novas disciplinas...* Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar...” (1999, p. 45, grifos do autor).

³ Todos os conceitos relacionados com a fenomenologia bachelardiana presentes neste artigo serão melhor desenvolvidos nas páginas seguintes.

e estudos bachelardianos que ampliaram o alcance desta fenomenologia⁴ para além do universo das imagens literárias (ROCHA, 2019; GOMES; BRITO, 2016; SANT'ANNA, 2016; GOMES, 2013), sem negar a importância delas, também ampliamos os pressupostos poético-filosóficos bachelardianos para além da narrativa literária, aproximando-os da leitura imagética dos fenômenos sociais proposta pela sociologia do imaginário.

Entretanto, antes de elucidarmos os pressupostos epistêmicos dessa sociologia do imaginário aproximada da fenomenologia da imaginação poética bachelardiana, é importante apresentarmos os três conceitos básicos que perpassam os estudos das manifestações imagético-imaginárias: imaginário, imagem e imaginação.

O imaginário possui aqui um duplo significado, pode ser compreendido como universo das imagens, concentrando as narrativas oriundas das infinitas manifestações linguísticas, psíquicas, socioculturais; ou área de estudos voltados para interpretação das criações imagéticas: “... o imaginário não é uma “disciplina”, mas um tecido conjuntivo “entre” as disciplinas, o reflexo - ou a “reflexão”? - que acrescenta ao banal significante os significados, o apelo do sentido” (DURAND, 1996, p. 231, grifos do autor). Tanto o primeiro quando o segundo significado abarcado pelo conceito de imaginário nos possibilita afirmar que as manifestações imaginárias são diversificadas e linguisticamente plurais, integrando as narrativas literárias, religiosas, artísticas, do senso comum, da política, do científico - isso graças a característica indômita do imaginário.

⁴ Para além da narrativa literária, a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana inspirou estudos e pesquisas que problematizaram o campo educacional, artístico, cinematográfico.



Nessa discussão do imaginário estão intrínsecos os conceitos de imaginação e imagens. A imaginação é a faculdade humana que possibilita a criação de imagens, mobilizando, de forma concomitante ou não, a capacidade visual, olfativa, tátil, mnemônica, auditiva do *anthropos* na criação do conteúdo imagético, ou seja, a imaginação é a função da mente (PITTA, 2017) responsável por fomentar imagens. Sabendo disso, as imagens podem ser entendidas como invenções da imaginação manifestas na realidade objetiva ou enquanto criações fenomenológicas.

As dimensões objetiva e fenomenológica onde as manifestações imagético-imaginárias estão presentes foram citadas apenas para evidenciar o potencial discursivo da imagem, porém essa separação fenomênica inexistente quando se problematiza a relação do ser com a imagem, na medida em que, gnosiologicamente, a primeira e a segunda dimensão são indissociáveis no processo criativo, complementam-se na formulação do sentido.

O imaginário, conforme citamos anteriormente, é o universo das criações imagéticas, estejam elas compondo elaborações da psique, como evidencia a psicanálise, ou invenções provenientes do sociocultural em se tratando de expressões da realidade coletiva. Além dessa apreensão que associa o imaginário com o mundo das imagens, ele também pode ser compreendido, reiteramos, como campo de estudo das criações imagéticas, possuindo uma importante tradição filosófica francesa representada exponencialmente por Gaston Bachelard, seguida por Gilbert Durand e Jean-Jacques Wunenburger - apenas para citarmos alguns importantes pensadores dessa tradição intelectual.

Bachelard teve forte influência na produção de Durand e Wunenburger, entretanto cada qual problematizou, por meio de referenciais epistêmicos

específicos, as singularidades gnosiológicas das manifestações imaginárias, abrindo caminhos para reflexões sobre a incidência do imaginário nos discursos artístico, literário, científico, político, social, filosófico, educacional, histórico, mitológico, mnemônico (WUNENBURGER; ARAÚJO; ALMEIDA, 2017; DURAND, 2014; BACHELARD, 2009; 2008; ARAÚJO; BAPTISTA, 2003). A força poética da imagem é amplamente valorizada nesta tradição filosófica dos estudos do imaginário, sobretudo por Bachelard, Durand e Wunenburger evidenciarem a potencialidade criativa intrínseca às criações imagéticas inspiradas poeticamente.

Adentrando mais especificamente na fenomenologia da imaginação poética bachelardiana, o qualificativo poético associado à imagem pode ser compreendido enquanto força criativa que emerge da relação ser-imagem, isto é, pulsão *criante* advinda do movimento ressonante-repercussivo (BACHELARD, 2008) em que o ser é tocado poeticamente na relação estabelecida com a imagem, fomentando, assim, a invenção de novas imagens graças a essa vivência onírico-poética do ser com o imagético. Na fenomenologia bachelardiana uma imagem sempre pode inspirar a criação de novas imagens; o imagético nunca está limitado a si mesmo.

Sobre os movimentos de ressonância e repercussão nesta experiência poética com a imagem Bachelard expõe:

Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser. A multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade de ser da repercussão. Dito de maneira mais simples, trata-se aqui de uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro (2008, p. 7).



A imagem ressoa poeticamente no ser, instigando repercussões que criarão oniricamente novas imagens que vivificarão o devaneio poético. Daí Bachelard (2009) argumentar que uma imagem poética não se limita a si mesma, está sempre inspirando o ser a criar imaginariamente novas imagens através da experiência do devaneio poético: “A imagem já não é descritiva; é resolutamente inspiradora” (BACHELARD, 2008, p. 68), e tal inspiração conduz o devaneador a imaginar novas imagens sempre que desfrutar dessa vivência onírico-poética.

A vivência do devaneio poético não possui uma cadência ressonante-repercussiva bem delimitada, ao contrário, o devaneio poético é uma experiência única e intransferível, podendo ser vivenciado de forma súbita, vagarosa, intermitente - tudo a depender da relação intersubjetiva do ser com a imagem, pois ambos estão ativos nessa experiência onírica; o ser não está a contemplar a imagem, mas sim interagindo ativamente com ela (BACHELARD, 2009).

Como explicitamos anteriormente, o devaneio poético apresentado por Bachelard vincula-se principalmente às imagens literárias⁵ (BACHELARD, 2008b) suscitadas na experiência leitor-obra, por isso devanear poeticamente difere do sonho noturno analisado pelos psicanalistas, em que o desencadear das imagens está fora do controle criativo do sonhador, e o imagético brota para externalizar uma invenção do inconsciente⁶. As imagens criadas

⁵ Sobre a imagem literária Bachelard escreveu: “A literatura deve surpreender... Uma imagem literária diz o que nunca será imaginado duas vezes” (2008b, p. 4-5). A imagem literária bachelardiana nasce acompanhada da invenção, novidade oriunda da relação do devaneador com a imagem lida no devaneio poético.

⁶ Para uma crítica bachelardiana sobre o trato com as imagens dispensado por psicólogos e psicanalistas de sua época, consulte Bachelard (2009).

no devaneio poético seguem a orientação criativa do ser sob inspiração poética (BACHELARD, 2009).

Assim, a imaginação assume esse potencial de criação quando o ser concebe novas imagens a partir da relação poética com o conteúdo imagético lido, isto é, o imagético inspira o ser a inventar novas imagens a partir da sua relação poético-onírica criativa. Por isso Bachelard (2009) afirmar que uma imagem sempre fomenta a criação de novas imagens.

É importante salientar que além da leitura imagética impulsionada pelo potencial criador da imaginação, a faculdade imaginativa também pode assumir contornos de reprodução, manifestando características de uma imaginação reprodutora:

As imagens produzidas pelo psiquismo imaginante ora pertencem à imaginação reprodutora (o domínio da imagem percebida, da percepção e da memória), ora pertencem à imaginação criadora (domínio da imagem criada-*imagem imaginada*...) (CAVALCANTI, 2017, p. 17, grifos do autor).

Se através da imaginação criadora é possível desfrutar da liberdade de criação poética, com a imaginação reprodutora as imagens assumem contornos de reprodução, mimetizando os conteúdos intrínsecos à imagem lida. Nesse sentido, o ser não está em devaneio, inexistindo uma experiência poética que o inspira à criação; há apenas reprodução do conteúdo imagético tal qual está descrito por outrem. Daí Cavalcanti (2017) apontar a percepção e a memória como os domínios da imaginação reprodutora.

A imaginação traz consigo aspectos de criação e reprodução, todavia é por meio da imaginação criadora que a sociologia do imaginário pode expandir seu potencial discursivo na leitura social por imagens. É desta



ideia que germina a proposta de interlocução epistêmica entre a sociologia do imaginário e a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana, uma vez que a imaginação criadora é uma característica indissociável da fenomenologia bachelardiana - sobretudo por esta conceber as manifestações imaginárias enquanto criações livres derivadas da vivência onírico-poética do ser com a imagem.

Assim, cientes da capacidade de interpretação imaginária do social no diálogo com as imagens inspiradas poeticamente, o presente trabalho visa refletir em torno de uma leitura imagética dos fenômenos sociais seguindo alguns pressupostos da fenomenologia da imaginação poética bachelardiana.

PARA UMA LEITURA IMAGINÁRIA DOS FENÔMENOS SOCIAIS

“A formação do espírito científico”⁷ não se faz apenas, como avançou meu bom mestre, “repudiando as imagens”, mas também aderindo - muitas vezes fanaticamente - a uma constelação de imagens ou mesmo a um mito.

Gilbert Durand

A abertura epistêmica para o diálogo com as imagens presente em pesquisas desenvolvidas nas áreas das ciências sociais e humanas amenizou a histórica negligência dispensada pelo conhecimento científico às criações imaginárias (DURAND, 2014). Tal desvalorização das imagens advém de uma tradição científica cartesiana que caracterizou a imaginação enquanto “louca da casa”, concepção reiterada por materialistas, românticos e empiristas

⁷ Acreditamos ser uma referência à obra bachelardiana intitulada “A formação do espírito científico” (1996).

dos séculos XVII e XVIII, pelos positivistas do século XIX e cientistas do século XX (BRAGA, 2017).

Todavia, mesmo que haja uma gama de estudos que problematizam as manifestações imagéticas, os quais subsidiaram a formulação de grupos científicos centrados na pesquisa do imaginário⁸, ainda é hegemônica uma cultura científica que supervaloriza o conceito e minimiza o potencial das imagens ante a compreensão da realidade (WUNENBURGER, 2003).

Não pretendemos construir argumentos que suplantem o conceito e evidenciem a imagem na constituição do conhecimento científico, mas sim buscar a formulação de uma ciência capaz de articular harmonicamente imagens e conceitos na apreensão da realidade. Sabendo que o conceito e a imagem possuem naturezas distintas, já que o primeiro apresenta definições precisas, e a imagem, quando lida poeticamente (BACHELARD, 2009), inspira infinitas possibilidades criativas:

Isso porque a própria natureza das imagens não é a mesma que a natureza dos conceitos. O conceito é feito para carregar só uma informação que é a sua própria, que é a sua identidade conceitual, a razão de ser da verdade lógica. Mas as imagens são, precisamente, ricas, porque têm propriedades paradoxais. E a palavra paradoxal é diferente do contraditório porque nos permite dizer que uma contradição é fecunda; uma contradição não se anula. Contradição que permanece uma porta de entrada para uma verdade (WUNENBURGER, 2013, p. 316).

⁸ A fim de termos algum dado empírico que subsidiasse essa afirmação, fizemos uma consulta parametrizada no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil utilizando o termo de busca imaginário, e encontramos 304 registros. Para maiores detalhes, consulte a página http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Acesso em 27/01/2021.



Embora conceitos e imagens possuam naturezas distintas, ambos não necessariamente se anulam na construção do saber científico, principalmente quando se trata de um conhecimento científico resistente à *episteme* disjuntiva historicamente imposta pelo paradigma⁹ da ciência moderna hegemônica (MORIN, 2011)¹⁰. De modo que pensar uma sociologia do imaginário em relação epistêmica com a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana significa, também, construir um saber marcado pela relação horizontal entre conceito e imagem na interpretação imagética dos fenômenos sociais, na qual o conceito atuará definindo precisamente os traços constitutivos do fenômeno a ser analisado sociologicamente - e a imagem operando nas múltiplas associações inspiradas poeticamente.

As singularidades que constituem os conceitos e as imagens poéticas apontam para o necessário equilíbrio entre os limites e possibilidades conceituais e imagéticos na elaboração do conhecimento científico. Mas, se levarmos em consideração a hegemônica desvalorização científica

⁹ Adotamos o conceito de paradigma desenvolvido por Kuhn: “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (2007, p. 13, grifo do autor).

¹⁰ Essa disjunção imposta pelo paradigma científico moderno é apresentada por Morin (2011) como um dos argumentos que fundamentam sua teoria da complexidade. O caráter disjuntivo da ciência moderna manifesta-se em princípios que organizam a vida em polos tidos como opostos, mas que para o pensamento complexo são complementares na compreensão da integralidade (complexidade) do *anthropos*: natureza/cultura, sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, razão/imaginação, imagem/conceito. Por isso Morin argumentar em favor de um conhecimento científico que articule harmonicamente as culturas científica e humanística na concepção de um saber marcado pela complementaridade desses opostos segregados pela *episteme* constitutiva do paradigma científico moderno hegemônico. Para as ideias presentes neste trabalho, as reflexões morinianas auxiliam no embasamento de uma ciência que congrega horizontalmente imagens e conceitos em um mesmo plano discursivo.

(WUNENBURGER, 2003) e educacional (DUBORGEL, 1992)¹¹ direcionada às imagens e à imaginação, obviamente será mais dificultoso a relação poética com a imagem do que a utilização do conceito. Contudo, a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana (BACHELARD, 2009; 2008) inspira uma relação poética com a imagem ao evidenciar as características da imaginação criadora (CAVALCANTI, 2017), a qual manifesta-se na relação onírico-poética entre o ser que devaneia e a imagem sonhada, tratando-se de uma entrega consciente e criativa do ser que vivencia uma experiência devaneante ímpar no diálogo imaginativo com a imagem:

Ao falar de uma *Poética do devaneio*, embora durante muito tempo eu tenha sido tentado pelo título mais simples, “O devaneio poético”, pretendi assinalar a força de coerência que um sonhador recebe quando é realmente fiel aos seus sonhos, e seus sonhos adquirem uma coerência graças aos seus valores poéticos. A poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e o seu mundo. Enquanto o sonho noturno pode desorganizar uma alma, propagar, mesmo durante o dia, as loucuras experimentadas durante a noite, o bom devaneio ajuda verdadeiramente a alma a gozar do seu repouso, a gozar de uma unidade fácil. Os psicólogos, em sua embriaguez de realismo, insistem demais no caráter de evasão dos nossos devaneios. Nem sempre reconhecem que o devaneio tece em torno do sonhador laços suaves, que ele é “ligante” – em suma, que, em toda a força do termo, o devaneio “poetiza” o sonhador (BACHELARD, 2009, p. 16, grifos do autor).

¹¹ Conforme já salientamos, o conhecimento científico moderno secundarizou as imagens ao descredibilizar a imaginação. A educação foi citada em decorrência do paradigma educacional moderno hegemônico, o qual também influi na formação científico-acadêmica, ser marcado igualmente pela subalternação da imagem, escanteada para o universo das artes ou exposta de forma reprodutiva, e não criativa. Diante desta realidade observada empiricamente na educação infantil, Duborgel (1992) tece críticas a uma pedagogia iconoclasta que domestica a imaginação. Mesmo que Duborgel tenha realizado seu estudo neste nível de ensino, conseguimos estabelecer relações com as categorias e conceitos mobilizados por ele ao criticar a dominação imagético-imaginária exercida no âmbito da construção do conhecimento científico e da educação formal (BATISTA, 2020).



Vivencia-se a poética do devaneio em sonhos oriundos de uma imaginação que atribui traços poéticos ao imagético, o qual acompanha o sonhador em seu devaneio pela narrativa onírica desfrutada sob seu total controle, pois trata-se de um sonho acordado. O poético pode ser compreendido como uma força inspiradora que o ser encontra na imagem sonhada, e tal poética viabiliza contornos infinitos à narrativa imagética concebida no devaneio. Daí as imagens em devaneio poético sempre se renovarem, adquirindo uma discursividade infinda toda vez que o ser se põem a desfrutar do devaneio poético.

Cientes que a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana valoriza o potencial criador da imaginação, tal característica pode ser incorporada ao discurso sociológico na interpretação imaginária dos fenômenos sociais, de modo que a imagem torna-se uma criação que transcende o mimetismo expresso conceitualmente ou pelas limitações impostas pela imaginação reprodutora (CAVALCANTI, 2017).

Os múltiplos significados gestados pelas criações imaginárias concebidas poeticamente também podem mobilizar o ser à ação no campo objetivo, porque na abordagem aqui adotada a imaginação não vincula-se à contemplação, inércia, está mais próxima da meditação, do agir: “... a imaginação enquadra-se ainda na estrutura básica de um sentir, uma capacidade de pensar, ainda de uma afetividade e até de uma vontade” (SILVA, 2017, p. 177).

O quadrinômio sentir/pensar/afetividade/vontade presente na citação acima expressa o substrato que mantém o caráter político do saber sociológico cadenciado pela criação imaginária inspirada poeticamente, porque o imaginar é aqui compreendido como força poética capaz de fomentar novas realidades e cenários - tratando-se de uma criação passível de retornar à realidade objetiva por meio da ação (WUNENBURGER, 2007).

Apontamos uma fotografia de Sebastião Salgado como criação que pode ser lida com a inspiração político-poética promovida pela relação epistêmica entre a sociologia do imaginário e a fenomenologia bachelardiana:

Fotografia 1: foto de Sebastião Salgado



Fonte: <http://nauvoadora.blogspot.com/2014/12/sob-surdos-pes.html> . Acesso em 24/11/2020.

Em uma sociologia do imaginário compassada pela vivência do devaneio poético (BACHELARD, 2009), os pés fotografados por Sebastião Salgado passam a ser também os pés do leitor que cria uma narração a partir do contato poético-político com a imagem lida, devaneada¹² - podendo, a partir dessa relação leitor-obra, ocasionar o fomento de

¹² Isso não quer dizer que todos os leitores da obra de Salgado serão mobilizados a desfrutar do devaneio poético ou toda experiência onírico-poética será de aproximação com a imagem criada por Salgado; pode acontecer um afastamento, falta de identificação com a obra salgadiana. Esses são condicionantes que dependerão da relação que o leitor estabelecerá com a fotografia.



leituras que tratem dos pés de trabalhadores e trabalhadoras rurais, da cidade ou qualquer outra imagem que brote deste devaneio gestado no movimento ressonante-repercussivo ocasionado pelo contato poético com a obra salgadiana. A narrativa não se encerra na fotografia publicada, ao contrário, inicia-se com ela mediante a ressonância leitor-obra, podendo repercutir infinitamente em outras imagens que poderão fortalecer, juntamente com os conceitos, a interpretação tecida.

Porém, é importante compreender que o discurso sociológico formulado na relação político-poética com imagens não pretende poetizar a dor e o sofrimento (tomando como referência essa criação de Sebastião Salgado), mas sim potencializar a capacidade discursiva da sociologia do imaginário graças a polissemia imagética, mobilizando, dessa forma, mentes e corações para a questão da pauperização social. Pois, conforme argumentamos anteriormente, as construções do imaginário não necessariamente ficam restritas ao universo fenomenológico, também podem incidir na realidade objetiva: “Através da *práxis*, a imaginação volta a enxertar-se no real para tentar transformar o sonho em realidade” (WUNENBURGER, 2007, p. 77, grifo do autor).

Seguindo essa esteira argumentativa, fica possível afirmar que imaginação não é sinônimo de delírio, desordem, nebulosidade, ao contrário, o imaginativo opera no fortalecimento da criatividade necessária ao processo da descoberta científica¹³ (FERNANDES, 2017) alcançado pelo diálogo criativo com as imagens lidas poeticamente. E a fenomenologia da imaginação poética bachelardiana é uma alternativa epistêmica para essa relação

¹³ Entendemos a noção de descoberta científica como a sistematização de uma realidade que anteriormente encontrava-se em uma aparente desordem, e não necessariamente enquanto criação de algo novo: “A ciência não descobre, cria...” (SANTOS, 2010, p. 83).

criativa com as imagens, figurando também como um referencial teórico-metodológico que pode ser adotado pela sociologia do imaginário - sobretudo na articulação harmônica com imagens e conceitos em um conhecimento científico igualmente racional-imaginário.

CONCLUSÃO

Apresentamos alguns pressupostos epistêmicos de uma sociologia do imaginário aproximada da fenomenologia da imaginação poética bachelardiana. Esta filosofia poética desenvolvida por Bachelard esteve restrita ao diálogo com as imagens literárias, contudo estudos contemporâneos de pesquisadoras e pesquisadores bachelardianos (ROCHA (2019); GOMES; BRITO (2016); SANT'ANNA (2016); GOMES (2013)) nos inspiraram a adotar os fundamentos dessa fenomenologia para leitura da realidade social via criação imagética, uma vez que tais estudos abordaram distintos contextos que expressaram manifestações imaginárias variadas.

Na fenomenologia bachelardiana a imagem se metamorfoseia poeticamente em novo conteúdo imagético, ganhando vida graças a experiência poética do devaneio - compreendido enquanto vivência íntima do ser com a imagem imaginada poeticamente. Essa relação do ser com a imagem possui uma dinamicidade ímpar, através da qual o ser cria novas imagens no diálogo poético com o imagético lido a priori. Assim, na fenomenologia bachelardiana a imagem transcende a condição de reprodutora estática, mero adorno discursivo, e passa a integrar criativamente a narrativa derivada dessa experiência imaginária. Sendo esta dinamicidade da imagem uma das principais contribuições da fenomenologia poética bachelardiana para uma sociologia do imaginário criativa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. F.; BAPTISTA, F. P. (Org.). **Variações sobre o imaginário.** Domínios, teorizações e práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

AZEVEDO, N. S. N. de. Cornelius Castoriadis: imaginário e autonomia. In: AZEVEDO, N. S. N. de; SCOFANO, R. G. (Org.). **Introdução aos pensadores do imaginário.** Campinas: Editora Alínea, 2018.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A poética do espaço.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A terra e os devaneios da vontade:** ensaio sobre a imaginação das forças. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BATISTA, O. A. Diálogo com imagens no contexto do ensino. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 2, p. 19-28, mai./ago. 2020.

BRAGA, C. Conceitos para definir a fantasia criativa. In: WUNENBURGER, J.; ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. (org.). **Os trabalhos da imaginação:** abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: UFPB, 2017.

CAVALCANTI, C. A. Um livro na intuição imemorial da história. In: WUNENBURGER, J.; ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. (org.). **Os trabalhos da imaginação:** abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: UFPB, 2017.

DUBORGEL, B. **Imaginário e pedagogia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

DURAND, G. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

_____. O imaginário, local do Entre-Saberes. In: _____. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FERNANDES, J. P. M. Ideias da imaginação: uma concepção pragmatista. In: WUNENBURGER, J.; ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. (org.). **Os trabalhos da imaginação**: abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: UFPB, 2017.

GOMES, A. L. F.; BRITO, S. B. (org.). **Festins de seda**. Festival Mythos-Logos e outras inventices bachelardianas. Natal: EDUFRN, 2016.

GOMES, A. L. F. (org.). **A flor e a letra**: poéticas e lições de imagens. Natal: EDUFURN, 2013.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MORIN, E. **O método 4**: as ideias: habitat, vida, costumes. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

ROCHA, G. K. (Org.). **Bachelard, um livro vivo** (homenagem aos 135 anos de nascimento do filósofo). Goiânia: EPhillos, 2019.

SANT'ANNA, C. (org.). **Gaston Bachelard**: mestre na arte de criar, pensar, viver. Salvador: EDUFBA, 2016.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



SCOFANO, R. G. Michel Maffesoli e a Consolidação dos Estudos do Imaginário. In: AZEVEDO, N. S. N. de; SCOFANO, R. G. (Org.). **Introdução aos pensadores do imaginário**. Campinas: Alínea, 2018.

SILVA, C. H. C. Universo sensível do imaginário *versus* um diferente uso filosófico da imaginação. In: WUNENBURGER, J.; ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. (org.). **Os trabalhos da imaginação**: abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: UFPB, 2017.

WUNENBURGER, J.; ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. (org.). **Os trabalhos da imaginação**: abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: UFPB, 2017.

WUNENBURGER, J. As formas de expressão do imaginário e as estruturas paradoxais da linguagem simbólica das imagens. In: **Educere et Educare**: Revista de Educação. Paraná, v. 8, n. 16, p. 311-319, jul./dez. 2013.

_____. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. Imaginário e Ciências. In: ARAÚJO, A. F.; BAPTISTA, F. P. (org.). **Variações sobre o imaginário**. Domínios, teorizações e práticas hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

